

Os aquáticos

Oswalde Lewat

Romance

TORDESILHAS

1

Eu sempre escolhia a alameda Trente-Avril, aquele caos permanente que estendia meu trajeto, em vez de pegar o caminho mais lógico e curto, que acabava levando ao estádio de futebol, às lojas, aos parquinhos e à casa da minha infância. Os carros andavam na contramão; os motoristas, cansados de esperar, dançavam sem camisa no asfalto e em cima dos capôs; os taxistas buzonavam, escutavam em alto volume as músicas da moda no rádio do carro; os vendedores ambulantes, colando a testa nos vidros, ofereciam todo tipo de alimentos e objetos; e as motos ziguezagueavam entre as carrocerias. O ateliê de Samy, aonde eu estava indo, um galpão onde antigamente se lavavam carros, localizava-se na periferia da Cidade dos Professores, o bairro onde Sennke e eu havíamos morado com Madeleine. A distância, vi um uniforme de polícia. Destravei o RAV4. Apoiada sobre o degrau, com a axila sobre a porta, tentei chamar a atenção dele, fazendo sinais. Ao se aproximar, ele segurou a aba da boina cáqui com o polegar e o indicador.

— Sra. esposa do prefeito, que Deus a abençoe. Está no engarrafamento?! Oh, perdão. Vou liberar o caminho para a senhora agora mesmo.

Ele não deixou de notar o documento de *laissez-passer*¹ da prefeitura colocado no para-brisa. Voltei para dentro do carro e abaixei o vidro.

Em geral, eu me recusava a usar a faixa prioritária. Mas hoje tinha que movimentar minhas pernas e braços. Precisava evitar buracos, táxis e motos que freiam sem aviso e pedestres que atravessam sem olhar. Precisava me mexer, pensar em outra coisa, tirar da minha mente a correspondência da prefeitura de Fènn.

— Sra. esposa do prefeito, por favor, poderia estender um gesto de salvação para este seu irmão?

— E quanto a mim? Quem vai me salvar? — perguntei, brincando.

— Senhora, senhora, é difícil... Sua irmã não me deixa em paz em casa.

Peguei minha bolsa, coloquei-a no banco do passageiro, tirei uma nota de cinco mil francos de dentro dela e a enrolei na mão antes de cumprimentar o policial. Em um instante, ele desobstruiu o caminho. Virei a chave da ignição.

O 4 × 4 seguiu pela estrada de terra que levava ao ateliê. Estávamos longe das vias asfaltadas, das ruas em que as construções estão equipadas com ar-condicionado, do bairro do Fleuve, onde eu morava com Tashun. Em decadência desde a venda do conjunto habitacional a terceiros, a região onde o Estado costumava abrigar seus funcionários da Educação Nacional oferecia aluguéis atrativos. Empobrecida, como a maioria dos bairros da capital, a Cidade dos Professores, apesar dos flamboyants floridos que enfeitavam as casas com suas cores vibrantes, não poderia evitar por muito mais tempo o status de gueto que pairava sobre ela. Famílias haviam se instalado em abrigos improvisados de madeira e chapas metálicas construídos ao redor dela. Durante a época das chuvas, os casebres ganhavam palafitas. Uma elevação do chão dispendiosa protegia o ateliê de Sammy contra as intempéries; a varanda, no alto, oferecia uma visão desimpedida e inigualável da miséria do mundo. Sammy não ignorava que eu havia morado

¹ Um tipo de documento que autoriza a passagem sem impedimentos. [N. do T.]

nas redondezas. Eu preferiria que ele tivesse ido morar em outro lugar, mas dizia que aquele ambiente estimulava sua criatividade. É verdade que ele parecia produzir mais depois que começou a trabalhar ali. Se a exposição desse certo, sua primeira mostra individual, ele poderia deixar de trabalhar nos modelos em série que vendia a turistas que amavam comprar souvenirs baratos. Eu estava louca para ver as esculturas, as novas obras dele. Sabia que não era o momento de falar sobre a carta que eu recebera. Mas sabia também que acabaria fazendo isso. Com quem mais poderia falar sobre ela? Em outros tempos, sobre outro assunto, ao lhe mostrar a observação respeitosa escrita à mão ao final da correspondência pelo prefeito de Fènn, eu teria rido. “Transbordando de alegria por me colocar à disposição de Sua Excelência e da Senhora Excelência.” Eu teria soltado uma gargalhada, a qual Tashun sempre achava incongruente. Mas a carta não me dava nenhuma vontade de rir.

— O artista dedicado em todo o seu esplendor! — Samy apontava com o dedo para quatro esculturas suspensas por hastes de madeira. Com traços de cansaço, olhos vermelhos e olheiras, ele obviamente estava precisando dormir. — São as primeiras tentativas. Não estão do tamanho definitivo... serão maiores, do tamanho de um adulto. Estou fazendo dez com o mesmo tema.

Quatro homens de pé, com o pescoço alongado, sem cabeça, com dois terços do abdômen substituídos pela cabeça alojada entre o plexo solar e o umbigo; uma cabeça quadrada, transbordando pelos lados, parecendo tanto uma “pochete” quanto excesso de peso, a narina sangrando, a boca torta, uma expressão de dor, os olhos esbugalhados, exibindo o mesmo desespero retratado na pintura *O Desesperado* de Courbet. Os rostos dos quatro personagens de terracota esculpido por Samy me eram vagamente familiares. Refleti. O presidente e os três vice-presidentes.

— E então? — Ele estava ansioso.

— Você quer mesmo expor isso?

— Só tenho as esculturas — falou ele, mostrando o outro lado do galpão. — Ainda não sei como vou chamar a exposição, mas tenho uma ideia. Vem, vem comigo.

A estante de vime, os livros de escultura e fotografia, jornais velhos, uma pilha de cadernos de desenho e, em cima da pilha, uma folha de papel A4.

— Tome. Sente-se aqui. Pegue o banquinho. Será melhor para ler. — Ele empurrou na minha direção o banquinho alto de bambu no qual costumava se sentar para desenhar e me entregou a folha.

Ante Mortem. Antes da morte. Quando terminei de ler, um leve nervosismo tomou conta de mim. Em Zambuená, teoricamente, as pessoas não eram presas por exporem uma opinião contrária à posição política do presidente ou de seu partido. Samy tinha o direito de esculpir, de escrever o que desejasse, de criticar quem quisesse. Era o trabalho dele. Também era essencial que não tivesse nenhuma ambição política, e como não tinha nenhuma, não havia nada a temer. Eu apenas esperava que ele não mentisse a si mesmo a ponto de acreditar que bastava escolher a terra apropriada, o grés, a faiança, a porcelana, o caulim; submeter-se mansamente às etapas tediosas e ingratas da criação de uma escultura do tipo vulto, de um baixo-relevo, de tirar do nada uma obra potente e audaciosa, para influenciar o estado das coisas, para desviá-las de sua trajetória fixa. O artista engajado... grande coisa! Era Tashun que teria problemas. “Seu amigo? Ele é uma eterna pedra no meu sapato!”, já ouvia meu marido resmungar.

Um projetor exibia um vídeo experimental no chão: algumas crianças com sobrepeso devoravam notas de dinheiro, gargalhando a cada mordida, ao passo que outras, com raiva, lambiam os lábios com avidez. Fiz uma nota mental para perguntar a Samy se as notas eram de verdade ou se eram do *Zambony*, o *Banco Imobiliário* local; na tela, pareciam de verdade. Contra a parede, um cavalete de madeira compensada exibia fotos 60 × 80 em preto e branco. Corpos infantis, juvenis, senis, masculinos, femininos; corpos reconstituídos em um afresco bicéfalo e multissexuado. Era uma tendência da época? Era bom? Bonito? Moderno? Eu não sabia o que pensar, a não ser que aquela combinação de nádegas tão antigas quanto Matusalém, uma cabeça de jovem, os peitos murchos de uma avó, pernas de crianças e genitais de tamanhos e naturezas diferentes me perturbava. Sem falar nos

pequenos obesos glutões. Para concluir, uma série de quadros fotográficos, intitulada *Os aquáticos*, exibia rostos aterrorizados surgindo de águas residuais, de inundações, carteiras de identidade flutuando, mães suspendendo acima da cabeça, com o braço estendido, um bebê, uma lâmpada ou uma mala, e a face inchada de um afogado. Essas cenas não eram novas. Todos os anos, na época das chuvas, imagens similares apareciam na televisão e nos jornais. Mas as molduras de Samy (chapas metálicas onduladas e enferrujadas, metais usados, papel-machê feito com jornais), a justaposição dos quadros cataclísmicos com as fotos de casais despreocupados, deitados ao lado dos filhos em um belo campo de milho novo, intensificavam o total desespero refletido em cada representação. Meus olhos estavam marejados. Quando Samy teve tempo de fazer tudo aquilo? Sentia seu olhar ansioso pesar sobre mim.

— E então?

— ...

— Se não gostou, pode me dizer, Katmé! — Ele me encarava com um olhar de reprovação.

— Bem, não se irrite. É só que... Como posso dizer...? É que...

— Eu detestava os tons de falsete na minha voz.

Pedi para ver tudo de novo, uma, duas, três vezes. Quem me dera se pudesse simplesmente dizer com segurança: *“Gostei desse, não gostei desse.”* Samy associava a imprecisão da língua à falta de sinceridade; ele me pediria para encontrar as palavras. Devo a ele o pouco que sei sobre escultura e artes plásticas. A escola secundária onde nos conhecemos não estendia a mesma ousadia do catálogo da biblioteca às artes plásticas; e não seria convivendo com Mama Récia, cuja devoção fervorosa à Bíblia e ao Santo Sacramento limitava as tentativas de me expor a outras formas de criação, que eu me familiarizaria com Sow, Depara ou El Anatsui.

Samy deslizou as costas pela parede até se sentar no chão com as pernas esticadas. Um pedaço da projeção do vídeo se refletia nos seus chinelos com tiras de plástico. Sentei-me na cadeira de balanço, que era o único lugar confortável do cômodo. Samy só se sentava ali quando queria “desbloquear” a criatividade. Baixei

os olhos para vê-lo e decidi falar o que me vinha à cabeça, sem hesitar nem refletir.

— Talvez sejam coisas demais para absorver de uma só vez. Achei carregado demais, Samy.

— É a minha primeira mostra individual! Não vou oferecer uma proposta qualquer! — A raiva era evidente na voz dele. Ele fez como se fosse se levantar, mas continuou sentado, levou as pernas até o queixo e, depois, as esticou novamente.

— Seu negócio são as esculturas, não essas outras coisas!

— Elas também! Algumas fotos têm quatro anos. O vídeo existe há dois anos; eu o criei durante um workshop com meus alunos. Minha mente está obesa como as crianças do vídeo, obesa com o que tenho vontade de mostrar. Acha que fiz tudo isso em dois meses?

— Você deveria cortar algumas coisas, Samy. Vai sufocar o público. Francamente, deveria ir devagar. Acho que é demais.

Ele se levantou, encostou-se na parede com uma expressão carrancuda. Os pequenos obesos gargalharam na bainha da calça dele. Levantei-me e me posicionei novamente na frente das fotos das inundações. Ele se aproximou de mim.

— Você não gostou mesmo delas, não é? — Franzi as sobrancelhas.

— Esses rostos... É tudo muito explícito, Samy.

— O que essas populações vivem é explícito! Nem todo mundo tem a chance de morar na região do Fleuve. Você vai acabar me deixando louco, ora! A Keuna gostou das fotos! E de todo o resto!

— Se a Keuna gostou, ótimo. Fico feliz por você. Desde quando não tenho o direito de te dizer que não acho algo perfeito? — Minha voz soou mais seca do que esperava. Ouvi-lo falar de Keuna sempre me irritava. — Suas esculturas, esse seu texto, o *Ante Mortem*, vão gerar problemas. É como dar banana verde a um recém-nascido. E a sua Keuna, com aquele ar de superioridade, faz quanto tempo que ela mora neste país, hein? Quando o Tashun vir isso...! Afinal, é ele quem está financiando. Não se esqueça disso, tá? — Assim que essas últimas palavras saíram dos

meus lábios, senti um gosto de cinzas na boca. Não dava para voltar atrás. Samy soltou um riso nervoso.

— Como é? Poderia repetir isso, Katmé? — Uma linha amarga se formou nos lábios dele. Envergonhada, estendi a mão em sua direção, mas ele recuou.

— A Keuna disse que vai dar certo. Vou te pagar de volta. Vou te pagar, eu juro.

— Samy, isso foi uma idiotice. Desculpe.

Com o rosto fechado e os braços cruzados sobre o peito, ele voltou a apoiar as costas na parede. Aproximei-me, querendo que ele descruzasse os braços, mas ele me afastou. Como faria para sair dessa? Minha língua podia ser afiada como uma espada; mas nunca com Samy. Era aquela carta no fundo da minha bolsa. A carta e os projetos extravagantes de Tashun. Precisava extravasar em alguém. E acabei fazendo isso com Samy.

— Fui mesquinha. O Tashun nem sabe do dinheiro ou do ateliê. Por favor... Me desculpe... O que é que eu sei? Eu falo e falo, mas não sei nem segurar um lápis para desenhar! Samy...

Fixou sobre mim seus olhos vermelhos. Ele estava esgotado. Esgotado, e eu, a quem ele chamava de seu refúgio, a melhor parte dele, totalmente voltada para mim, não percebi nada. Afastou-se da parede, foi até o fundo do ateliê, ergueu a cortina que ocultava um pequeno espaço privado que ele arrumou, e se deitou na cama de ferro forjado.

Eu o segui, sentei-me na beirada da cama, sobre a manta de lã escocesa que estava por cima dos lençóis e do travesseiro. A parte superior do ateliê, toda de vidro, permitia que os raios oblíquos de sol chegassem até a pele morena de Samy e seu rosto marcado pela insônia.

Tirei minhas sapatilhas, rastejei para a cama, deitei-me ao seu lado; levantei seu braço e encaixei minha cabeça na articulação do seu ombro.

— O problema não é você, Kat — afirmou ele depois de um longo silêncio. — O problema não é você. Ety me ligou, e a conversa não foi boa. As reprimendas de costume. Minha indisponibilidade, o ateliê que me ocupa todo o tempo etc. Passei

uma hora na cadeira de balanço para me recuperar da ligação dela. Tinha acabado de me levantar para continuar trabalhando quando a Vaca Louca chegou. Ela veio para ver o que eu “estava fazendo no meu cafofo”. Fazia dias que não ia para casa. Como era de se esperar, ela repetiu que, na minha idade, deveria abrir mão dessas frivolidades, pois, se fosse um artista de verdade, já teríamos descoberto isso há muito tempo. Queria matá-la, estrangulá-la.

— Você já vem falando com a sua mãe sobre isso há trinta e cinco anos, Samy... — Eu não podia chamar a mãe dele de Vaca Louca, como ele fazia; ele costumava dizer que, algum dia, escreveria um romance cuja primeira frase seria: “Como me tornei alérgico à minha mãe”. — Você sabe que a sua mãe não é má, não é? Talvez seja só um pouco tola...

— Tenho algumas dúvidas quanto à ausência de maldade. Em certo nível, a tolice beira a ignomínia. Ela me magoou muito. A burrice não é desculpa para tudo. Ela tem razão. Não sou um artista de verdade. Sou um fracassado. É só pensar nessa exposição que meu cérebro e meus dedos ficam paralisados.

Samy já tinha ouvido muitos “nãos” e perdido toda esperança de organizar uma mostra individual de envergadura até conhecer Keuna, a proprietária da nova galeria Bubinga Project. Já ouvira de tudo sobre seu trabalho! Étnico demais, pouco autêntico, documental demais, pouco realista, conceitual demais, pouco abstrato, político demais, pouco engajado, singular demais, pouco original.

Segurei a mão dele e a levei ao coração.

— Não tenho as chaves para entender sua abordagem. Não sei julgar muito bem. Mas meu coração não me engana. Confie em si mesmo.

— Espero que dê certo desta vez. Senão serei condenado a vegetar na minha roupa de professor de artes plásticas até me aposentar.

— Por favor, Samy, não comece com isso de novo...

Soltei-me do abraço e me apoiei sobre um cotovelo.

— É minha vez de te mostrar uma coisa — falei. Saí da cama, descalça, para abrir a bolsa que havia deixado aos pés da cadeira de balanço. Em meio a clipes, uma pomada mentolada para os lábios, um lenço e papéis amassados, encontrei o que procurava. — Tashun me entregou isto hoje de manhã na prefeitura. Sei que não é desculpa. Vamos dizer que também fiquei um pouco abalada depois que saí do escritório dele.

Ele leu a carta.

— E o que você vai fazer? — indagou ele, assim como Tashun algumas horas antes.

— Para começar, ir até Fènn para saber mais. Não especificam o prazo para a transferência. Mencionam urgente, como se fosse uma simples informação. Neste país, “urgente” pode significar amanhã ou daqui a uns dez anos.

Ouvimos vozes que vinham do lado de fora. Bateram com insistência na porta.

Entregou-me a carta e se levantou.

Enquanto ele ia até a porta, juntei minhas coisas, frustrada por não poder dar continuidade à conversa. Juntei-me a ele na soleira. Semicerrei os olhos, pois o sol batia diretamente no meu rosto. Seis crianças de uns dez anos seguravam jarros de terracota nas mãos.

— Tio Samy, terminamos de escolher nossos desenhos e também preparamos a pátina como você nos explicou — falou o mais velho.

— Tio Samy, os clientes preferem os jarros que têm a boca esmaltada. Vendemos mais assim. Poderia nos mostrar de novo como fazer isso? — pediu outro, cuja gola da camiseta estava desbeijada.

— Achei que não estava atendendo ninguém. Suas afilhadas vão ficar com ciúmes se descobrirem — brinquei. Ele estava dando aulas de escultura a Axelle e Alix duas vezes por semana. Havia suspenso as aulas das meninas para se dedicar à preparação da exposição.

— Sim, mas no caso deles, se eu parar, os pais deles me matam. Fico feliz de que venham me interromper; porque senão não veria

a luz do dia. — Sua ação *pro bono publico*, para o bem público. Era assim que Samy chamava esses jovens aprendizes de oleiro. As crianças, que moravam com os pais nos conjuntos habitacionais em ruínas nos arredores da Cidade dos Professores, vendiam os objetos feitos sob sua orientação no mercado principal como se fossem obras feitas pelos tetraplégicos do centro de deficientes do bairro.

— Como ele se chama? — perguntei, referindo-me àquele que parecia ser o mais jovem do grupo.

— Ele? Paul, o pequeno. É pequeno, mas esperto. Muito esperto. A argila não esconde dele mais nenhum segredo, não é Paul, o pequeno? — Como resposta, o menino estufou o peito com orgulho e esboçou um sorriso tímido. — E aqui temos: Blaise; Kouankeu; Emmanuel; Paul, o grande; e Chrysostome. — Enfiei a mão na bolsa, tirei um maço de notas e as entreguei a Paul, o pequeno.

— Dívida com os outros, está bem? — Ele assentiu com a cabeça.

— Obrigado, senhora esposa do prefeito. Ficamos muito felizes!

Como eu já previa, Samy balançou a cabeça, com um olhar de desaprovação. Ele beliscou o lóbulo da minha orelha e disse:

— *Bindi*, você e seu vício, hein?

Ele me acompanhou até os primeiros degraus da escada, rodeada de canteiros de violetas-africanas, seus bebês milagrosos. A terra ingrata aos pés do ateliê cedera à doce persuasão dos dedos de Samy; o violeta intenso das florzinhas, um tom índigo irreal, se destacava do ocre do solo e das águas lamacentas dos arredores.

Contei a Samy a grande ideia de Tashun.

— Se nos empenharmos, talvez ele perceba que isso não faz sentido... Você poderia lhe dizer...

— ...como se seu marido me levasse a sério! Quando é para falar sobre futilidades, aí sim ele pede minha opinião. Não adiantaria nada, e você sabe disso tão bem quanto eu.

Os jovens nos olhavam com um ar de impaciência. Obviamente, estavam esperando que eu fosse embora.

Samy me deu um abraço e subiu as escadas.

Estava abrindo a porta do carro quando ouvi uma voz atrás de mim:

— *Bindi! Ab amicis honesta petamus.* A um amigo, pedimos o que ele consegue fazer!

Dei meia-volta, ergui a mão direita, juntei o polegar e o indicador, ao passo que os outros três dedos permaneceram apontados para o céu. Ele sorriu.

Enquanto tirava as pétalas rosas dos flamboyants que cobriam o para-brisa e afastava o vira-lata que urinava no pneu traseiro, perguntei-me se Samy fazia alusão à minha incapacidade de julgar a qualidade de seu trabalho ou à impossibilidade de interceder por mim junto a Tashun.

A providência não nos abençoa com uma mãe professora de latim sem conseqüências; Samy declamava as expressões com uma facilidade escandalosa.

AMOSTRA

2

Axelle e Alix fingiram que estavam levantando o pai; ele se esparramou no chão de mármore de bom grado em meio a gargalhadas. Juntos, subiram a escada caracol que levava aos quartos. Eu os acompanhei com o olhar. As três tínhamos acabado de jantar na cozinha antes do retorno de Tashun. Voltei a pôr a mesa para ele na sala de jantar oficial. Eu adorava jantar na cozinha com as meninas quando ele não estava em casa.

— Você as está acostumando a comer em meio a fogareiros e caçarolas, e eu não gosto disso. — Eu preferia o ambiente íntimo da cozinha rústica, os móveis de madeira bruta, objetos rudimentares de jacarandá, que compensavam com ousadia visual o que faltava em conforto, em vez da sala de jantar construída durante a colonização e destinada às recepções do governador-geral. Esse espaço gigantesco, tão solene, tão limpo, tão bege, de um bom gosto tão aparente, foi redecorado por um designer de interiores vindo da Europa e pago generosamente pelo Ministério de Habitação, quando foi determinado que o prédio colonial se tornaria a residência do representante do governo na capital.

A casa contava com uma dezena de empregados, incluindo dois cozinheiros; entretanto, Tashun exigia que eu preparasse e servisse as refeições dele. *“A qualidade das refeições do senhor da*

casa não deve variar em função do humor do pessoal.” Jamais teria suspeitado, quando nos conhecemos, quando eu estava estudando na faculdade de educação e ele no último ano da faculdade de administração pública, que um dia me explicaria com seriedade sua visão sobre o que é uma mulher de verdade.

— Está pronto? — Ele estava na soleira da porta.

— Só um minuto.

Coloquei sobre a mesa o *folong sauté*¹ com camarões e o plátano maduro.

Ele estava descalço, com a camisa desabotoada até a metade, havia tirado o paletó e a gravata. Eu nem ousava imaginar onde os encontraria, onde precisaria apanhá-los.

Ele se sentou e engoliu vorazmente o primeiro bocado de *folong*.

— Está morno, Kat.

— Espere, vou esquentá-lo um pouco mais.

— Pode deixar. Tudo bem.

Ele esperava que eu insistisse. Então insisti.

Voltei a colocar as caçarolas no fogo. Os legumes começaram a crepitar e o aroma deles se espalhou. Tashun gostava de suas refeições bem quentes. A comida estava pelando quando a coloquei novamente diante dele. Ele tirou a tampa de cima do prato e, como se estivesse vendo a refeição pela primeira vez, perguntou:

— Você não deveria ter preparado *topsi banana*² hoje?

— Depois da prefeitura, fui visitar o Samuel. Não tive tempo para fazer *topsi banana*.

Com exceção dos dias em que recebia visitas, Tashun seguia uma lista bem rígida dos pratos que comia. De manhã, como jejum, se alimentava do que havia sobrado do dia anterior. “Nada de pão, café ou chá, como gente branca, mas sim uma refeição reforçada para sustentar o corpo durante o dia.” Eu precisava de

1 O *folong* é um prato tradicional da culinária camaronense feito com verduras e legumes; pode também incluir carne, peixe ou frutos do mar. [N. do T.]

2 Também típico da cozinha de Camarões, é um prato feito à base de plátanos verdes cozidos com carne e molho de amendoim com especiarias. [N. do T.]

duas a três horas por dia para cozinhar para ele. Graças a Deus, Bambili, a criada que cuidava das gêmeas, me ajudava às vezes, como hoje.

— Quando começa a exposição?

— No início de março. A Balbine já marcou na sua agenda. Já te aviso do seguinte: o que ele está preparando é um pouco político.

— Não seria a primeira vez.

— É verdade — reconheci, dizendo a mim mesma que estava mentindo, sem de fato mentir. Samy havia ido bem mais longe dessa vez, e Tashun teria tempo para descobrir.

— Vivemos em uma democracia, e é normal que as pessoas expressem uma opinião diferente. Com tudo o que já temos, não é necessário comprar mais nada dele, não é?

— Não vamos comprar nada dele?!

— Bem, parece que sim... No entanto, somos os maiores colecionadores das obras de Samuel Pankeu. Se for realmente bom, ele acabará vendendo para outros também... Ele não pode nos ter como seus únicos clientes.

— Nós não somos seus únicos clientes! Do que você está falando?

— Sim, bem... Veremos. Não sou um idiota completo.

Tashun falava, enfiava os pedaços na boca, mastigava e engolia como se temesse que alguém fosse lhe arrancar o prato. Morando com ele, observara que sua propensão a devorar, ingerir e se saciar com rapidez ia além do registro alimentar.

Entre uma garfada e outra, quis saber se eu havia refletido sobre a proposta que ele fizera de manhã.

— Sim, Tashun. Minha resposta é não.

Ele pôs a faca seguida do garfo sobre a toalha de mesa. Sentou-se ereto, inclinou o corpo em minha direção e me encarou.

— Katmé, quando se é esposa do representante do governo na capital, além de futuro membro do comitê central, o enterro de uma mãe, mesmo que ela esteja debaixo da terra há vinte anos, não pode ser um mero detalhe na sua agenda. — A voz dele deixava transparecer uma irritação mal contida. — Esse novo enterro